MULHERES de todas as CORES

CAROL ALMEIDA

Rita Maria não gostava muito da vida como ela era. Figura popular da ilha de Florianópolis no final de século XIX, Rita era negra pós-abolição e, como já dizia o ditado, não tinha onde cair morta. Por isso, resolveu então cair de olhos bem abertos naquela vida que tinham dado a ela. Foi curandeira, cozinheira e, há quem tivesse atestado, terminou como prostituta de marinheiros. Nesta mesma época, há poucos quilômetros da casa onde Rita Maria recebia seus homens, morava Rita Lobato Velho Lopes, uma gaúcha branca de família nobre que, ao contrário de sua homônima, pôde assistir à vida passar sem tantas amarguras. A gaúcha se tornaria, em dezembro de 1887, a primeira médica brasileira.

Muitos anos depois dessas ritas, nasceu Rita Lee, a cantora daquela música "Toda mulher quer ser amada, toda mulher quer ser feliz". Essas mulheres de nomes semelhantes e histórias tão diferentes são vizinhas de páginas no novo livro da editora Zahar, o *Dicionário Mulheres do Brasil*, que será lançado em Recife no começo de dezembro.

Em um País onde memória é especiaria rara, o lançamento de um compêndio como este dicionário chega a ser um fato histórico. Mesmo porque seu principal foco de atenção está em uma falta da população que até 12 anos atrás não tinha sequer os mesmos direitos que os homens na Constituição. Do primeiro relato de Caminha sobre as impressões das Índias Ibéricas até a eleição de mulheres nos mais altos postos da política nacional, milhões de vidas ficaram anônimas. "As mulheres sempre estiveram no pé-de-página da história brasileira. Este livro é então uma forma de fazer justiça a todas que viveram nos bastidores e, mesmo assim, tiveram e têm algo para contar", justifica Schuma Schumaher, coordenadora geral do projeto que deu origem ao livro.

De Abigail Andrade a Zuzu Angel, de 1500 até a última década, somam-se 900 verbetes com 900 histórias que se entrelaçam. Algumas vezes as personagens não se resumem a um nome só, caso por exemplo do verbete 'Brasileiras na Segunda Guerra Mundial' ou o das 'Órfãs da Rainha' (virgens portuguesas que vinham ao Brasil para se casar).

E como as citadas órfãs, muitas mulheres do livro não foram ou são oficialmente brasileiras, mas fizeram do País seu palco de atividades: Olga Benario, Clarice Lispector e Carmem Miranda são exemplos clássicos. Outras, ainda, podem nem sequer ter existido, como a escrava Anastácia, ou foram então mitificadas pela versão branca e masculina dos portugueses, como a índia Poliru. A semelhança e critério de escolha dessas mulheres é uma só: de alguma forma, elas construíram parte da história de um Brasil que durante muito tempo não prestou atenção a essa gigantesca 'minoria'.

Por conseqüência deste mesmo critério de seleção, é natural que o dicionário seja um tanto politizado. A maior parte das personagens escolhidas se destacou pela sua posição antissistema. Revolucionárias ou escravas rebeldes, muitas não se calaram perante o silêncio da maioria das mulheres. O que mais surpreende no livro é a catalogação de personagens que estiveram presentes nos principais fatos históricos relatados pelo ensino formal, mas que nunca tiveram seus nomes citados.

Dos relatos e histórias particulares que se passam no livro, algumas foram escritas pela primeira vez por documentos oficiais e, portanto, podem não ser tão fiéis à verdade. Dos primeiros anos de colonização, as personagens centrais são, por natureza da população, as índias. Depois vieram as portuguesas e, em navios mais abarrotados, as negras.

Nestes anos de definição social – quem ocuparia que posição na pirâmide – as mulheres foram as únicas que não tiveram voz de ação, independente da cor da pele. Brancas, negras e índias eram proporcionalmente escravas dos homens. Talvez por este mesmo motivo é que, na História do Brasil, elas tiveram reações semelhantes nos momentos de se fazerem ouvidas. O tempo passou, a igualdade entre cores e sexos foi instituída e, mesmo assim, as mulheres brasileiras ainda procuram conquistar direitos.

Claro que há também neste dicionário centenas de nomes citados não apenas pelo seu conteúdo político, mas pelos dotes artísticos que as mulheres desenvolveram desde a época em que tinham tempo de sobra para observar o mundo. Mãe Benta era mestre da culinária regional nos primeiros anos de vida do Brasil. Bárbara Eliodora era poetisa na época da Inconfidência Mineira. Lina Bo Bardi tornou-se internacionalmente conhecida por seus projetos em arquitetura. Essas artistas ainda dividem espaço com outros nomes como Clementina de Jesus, Ivone Lara, Dalva de Oliveira e outras que, além de artistas, formaram opinião no Brasil: Hebe Camargo, Dina Sfat e Leila Diniz.

Ou seja, se na hora de citar uma índia no Brasil sua única opção for Iracema, se a escrava negra que você conhece é Xica da Silva e se, para você, a mulher que fez história no Brasil foi a Princesa Isabel, é melhor pensar em comprar este livro.

Bárbara Pereira de Alencar, revolucionária republicana

"Nasceu em Pernambuco e viveu na cidade do Crato, Ceará (...). Envolveu-se, com dois de seus filhos e um irmão, na conspiração republicana deflagrada no Nordeste em março de 1817. Foram traídos pelo capitão-mor de Filgueiras, compadre de Bárbara, que a fez prender na cadeia da vila de Fortaleza, em um cubículo minúsculo, onde não podia sequer levantar-se (...). No episódio da transferência de Bárbara para os cárceres do Recife e Salvador ela foi mais uma vez humilhada. Por decisão das autoridades, Bárbara foi vestida com um camisolão, traje igual ao da escrava que a acompanhava. Mas no momento em que subiu ao navio, uma negra na multidão, que olhava o embarque dos prisioneiros jogou um xale para que se cobrisse, diminuindo seu constrangimento".

Esperança Garcia, escrava

"Vivia no Piauí e era casada. O registro de sua vida foi feito através de uma carta que escreveu ao governador do Piauí, datada de 6 de setembro de 1770 (...). Sua carta reclamando dos maus-tratos foi divulgada pelo historiador Luís Mott. Segundo ele, a carta, por ser de uma escrava, representa 'algo duplamente insólito, primeiro por se tratar de uma mulher que ousa se dirigir por escrito diretamente ao governador da Capitania; segundo por se tratar de uma escrava'. Eis o que diz a carta: 'Eu sou uma escrava de V.S. da administração do Capitão Antônio Vieira de Couto, casada. Desde que o capitão para lá foi administrar, que me tirou da fazenda dos Algodões, onde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa. Onde nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma chanca, que fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que seu colchão de pancadas, tanto que cai uma vez do sobrado abaixo, por misericórdia de Deus, escapei".

Romana, índia escrava

"Moradora da capitania de São Paulo, apresentou, por volta de 1720, à Justiça real um pedido de liberdade. A petição, encaminhada ao procurador dos índios, pleiteava, além de sua libertação, a de seu filho Joaquim, da mulher deste, Marcela de Oliveira, e dos índios Vicente, José e Inácio. O documento acusava Antônio Pedroso de mantê-los 'com rigoroso trato de escravos' (...). Obtiveram uma sentença favorável, sendo restituídos à Aldeia dos Pinheiros, exceto Romana e um dos homens do grupo. Ele foi alistado nas milícias que deveriam combater os temidos índios Paiaguá. A velha Romana, por sua vez, foi devolvida ao Senhor como pagamento de uma fiança, outra mostra de violência e da condição ambígua dos indígenas: livres na letra da lei, mercadoria e mão-de-obra compulsória na prática".